

## A LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA DAS MULHERES GUINEENSES: ATIVIDADES INFORMAIS DAS MULHERES BIDERAS NO MERCADO DE CARACOL

Samira Tamba Dentche Na Blata<sup>1</sup>

Luís Tomás Domingos<sup>2</sup>

### RESUMO

As atividades informais das mulheres guineenses conhecidas como *bideras* têm sido fundamentais para o sustento de várias famílias guineenses. Falar da mulher *bidera* (vendedora) na sociedade guineense é falar das agentes sociais que desenvolvem as suas atividades em diferentes áreas de negócios, sendo assim, a mulher *bidera* é pessoa importante para o desenvolvimento econômico e social da sociedade guineense. Por todo o país, há mulheres que lutam dia a dia, seja no mercado, seja no campo ou em atividades informais conhecidas como *bida*, para garantir meios de sobreviver com os seus dependentes. Dessa forma, O presente trabalho tem como objetivo analisar as atividades das mulheres *bideras* no Mercado de Caracol, um dos locais das atividades informais mais frequentados da capital guineense. Assim, para o desenvolvimento do presente trabalho utilizamos a metodologia qualitativa através da pesquisa das bibliografias que discutem a temática ligada às atividades informais das mulheres *bideras* na Guiné-Bissau e a condição de ser mulher no contexto guineense, complementada com as matérias de reportagens noticiadas em órgãos de comunicação do país, publicações em redes sociais que mostram as lutas que esta camada social guineense tem enfrentado nas suas jornadas diárias, à procura do seu ganha pão de dia a dia.

**Palavras-chave:** Atividades informais. Mulheres *bideras*. Mercado de Caracol. Guiné-Bissau.

### ABSTRACT

The informal activities of Guinean women known as *bideras* have been fundamental to the livelihood of several Guinean families. Talking about the *bidera* woman (saleswoman) in Guinean society is talking about social agents who carry out their activities in different business areas, therefore, the *bidera* woman is an important person for the economic and social development of Guinean society. Across the country, there are women who struggle day after day, whether in the market, in the field or in informal activities known as *bida*, to ensure the means to survive with their dependents. Therefore, the present work aims to analyze the activities of women *biders* in the Caracol Market, one of the most frequented places for informal activities in the Guinean capital. Thus, for the development of this work, we used qualitative

---

<sup>1</sup> Discente de UNILAB, Instituto de Humanidades, Bacharel em Humanidades Interdisciplinar, e Licenciada em Sociologia, e-mail: [samiradentche@gmail.com](mailto:samiradentche@gmail.com)

<sup>2</sup> Docente (Orientador), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades, e-mail: [luis.tomas@unilab.edu.br](mailto:luis.tomas@unilab.edu.br)

O artigo apresentado na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para à obtenção de grau de Licenciatura em Sociologia.

methodology through research of bibliographies that discuss the theme linked to the informal activities of female bidders in Guinea-Bissau and the condition of being a woman in the Guinean context, complemented with news reports reported in communication organs in the country, publications on social networks that show the struggles that this social stratum of Guinean has faced in their daily journeys, looking for their daily bread.

**Keywords:** Informal activities. Bider women. Caracol Market. Guinea Bissau.

## 1 INTRODUÇÃO

As mulheres são atores sociais importantes para o desenvolvimento de qualquer sociedade. No contexto guineense, a mulher *bidera* (vendedora) é pessoa importante para o desenvolvimento econômico e social da sociedade guineense no que diz respeito à sua atuação laboral nas atividades de pequenos negócios no Mercado de Caracol. Apesar da desigualdade de gênero que diferentes estudiosos têm apresentado (Domingues, 2000; Moreira, 2017; Gomes, 2019; Texeira & Baticam, 2020; Intumbo, 2021), as mulheres em particular, as *bideras*<sup>3</sup> têm sido elementos importantes, sobretudo nas suas atuações no setor informal. As suas atividades de venda (*bida*)<sup>4</sup>, têm sido fundamentais para o sustento de várias famílias guineenses. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar a situação das mulheres *bideras* no Mercado de Caracol. Assim, para o desenvolvimento do presente trabalho utilizamos a metodologia qualitativa através da pesquisa das bibliografias que discutem a temática ligada às atividades informais das mulheres *bideras* na Guiné-Bissau, complementadas com as matérias de reportagens noticiadas em órgãos de comunicação do país, publicações em redes sociais que mostram as lutas desta camada social guineense. Além disso, a minha vivência como filha de mulher educadora infantil, mas que exerce também atividade de *bidera*, pois compra e vende produtos em casa, e na sua ausência, eu é responsabilizo de vender os produtos. Ainda me lembro dos conselhos que ela me dava sobre a importância de fazer atividade de *bidera* ela sempre me aconselha de que uma mulher mesmo formada e exercendo a profissão, deve sempre ser uma empreendedora, em outras palavras deve sempre ser uma *bidera*.

No que diz respeito ao Mercado do Caracol, esta fica situado no bairro de Bandim em Bissau, e foi criado nos anos noventa do século passado. Com a falta de espaço no principal

---

<sup>3</sup> Nome dado às mulheres que exercem a atividade de comércio informal de diferentes produtos.

<sup>4</sup> Palavra em crioulo que se refere a atividade de pequenos negócios (equivalente ao empreendedorismo).

mercado de Bissau (Mercado de Bandim), que é conhecido vulgarmente como “*fera de Bandé*” alguns ocupantes daquele mercado foram realocados para o espaço vizinho, hoje conhecido como Mercado de Caracol. Como afirmaram os membros da Associação de Retalhistas do Mercado de Caracol, numa entrevista à Bialoborska, em 2014, “Como no Bandim não havia mais espaço, mandaram a gente para cá e começaram a vender aqui” (Bialoborska, 2014, p. 10).

Em 1995, foi criada a Associação de Retalhista do Mercado de Caracol que, até 2014, segundo Bialoborska (2014), ainda não tinha sido legalizada no Cartório de Bissau, essa associação desenvolve as suas atividades de maneira informal, e foi criada por um grupo de indivíduos para atender os problemas dos seus associados, acabou tendo aderência praticamente de todas as pessoas que vendem os seus produtos naquele mercado.

Sendo um mercado que fica próximo do Mercado de Bandim, tem sido muito frequentado por compradores, e hoje é um dos mercados mais movimentados da Capital Guineense, onde praticamente são vendidos vários tipos de produtos. Além disso, o Mercado de Caracol tem sido o centro que abastece outros mercados da cidade Bissau guineense, pelo menos em termos de produtos hortícolas, pois a maioria desses produtos, vindos das periferias da capital guineense, são levados para o Mercado de Caracol, onde as vendedoras (*bideras*) de outros mercados fazem compras para revenda.

Muitas mulheres *bideras* improvisam as suas mesas nos arredores do edifício principal do Mercado de Caracol para vender os seus produtos em condições precárias, lutando diariamente para cumprir a jornada de sua atividade de *bida*. Pois as necessidades são constantes, uma vez que muitas pessoas dependem da mulher *bidera*.

A Guiné-Bissau tem sido classificada como país subdesenvolvido, portanto atividades das mulheres *bideras* apesar de serem consideradas como trabalho informal, contribuem de alguma forma para o desenvolvimento do país, pois nas suas jornadas de vendas, elas conseguem arrecadar algum dinheiro para o sustento da família e das pessoas sob a sua responsabilidade. Além disso, muitas mulheres que exercem atividades de negócio são donas da casa, chefes de família, e os lucros das suas atividades de venda servem para pagar as mensalidades das escolas de seus filhos e assegurar o bem estar das pessoas que estão ao seu redor.

No entanto, vale ressaltar que, como acima mencionamos, as mulheres *bideras* do Mercado do Caracol. Têm deparado com a falta de condições higiênicas no local. O edifício principal do Mercado não consegue albergar todas as pessoas que vendem os seus produtos lá. Várias vendedoras levam as mesas de suas próprias casas todos os dias para expor os seus

produtos, outras improvisam as mesas com paus ou outros objetos, e algumas até mesmo colocam os produtos no chão.

A Câmara Municipal de Bissau, que é responsável pela organização dos mercados na capital guineense, não consegue responder à demanda das mulheres *bideras* por mulheres condições de exercer suas atividades de venda, apesar das cobranças diárias que a entidade faz a todas as vendedoras do local, o que tem sido motivo de reclamações por parte dessas mulheres, como mostram as reportagens de vários órgãos de comunicação social do país, o que será desenvolvido mais adiante.

### 1.1 O conceito de *bidera* e a suas nuances no vocabulário guineense

*Bidera* é um conceito vulgarmente conhecido na Guiné-Bissau e que se refere às pessoas, principalmente às mulheres que fazem atividade de comercialização de diferentes produtos, geralmente caracterizado pelas pessoas de diferentes origens sociais, tanto rural como urbana. Esse conceito tem vindo a ganhar visibilidade e diferentes nuances ao longo dos tempos, por se tratar de um conceito ligado a pessoas de origem humilde, hoje, intelectuais estudantes, artistas e outros, se autoidentificando como filhos/as de *bideras* para demonstrar que vieram de origem humilde e que as suas ascensões sociais foram frutos de esforço e sacrifício das mulheres *bideras* que labutam diariamente faça a chuva, faça o sol para que os/as seus/suas filhos/as tenham condições mínimas de estudar e ascender socialmente.

Nessa perspectiva, segundo Carreia (1983 *apud* Teixeira, Baticam, 2020), uma das primeiras conceitualizações referentes a *bidera*, é que esta categoria é entendida como um conjunto de grupos urbanos e rurais de mulheres de condição social de origem popular que exercem função social nos mercados [feiras] públicos na Guiné-Bissau.

Entretanto, segundo Teixeira e Baticam (2020, p. 92), o “conceito [*bidera*] tem sido frequentemente questionado, deturpado ou não devidamente entendido, ou ainda entendido a partir de outros significados distintos”.

No nosso entender, conceito *bidera* em discussão aqui se refere a mulheres que fazem as suas atividades comerciais para ganhar meios financeiros que lhes sirvam para sustentar os seus lares. Sendo assim, também incorporaremos o conceito *fidjus de bideras*, que tem vindo a ganhar visibilidade, como mencionamos anteriormente, ou seja, embora o foco deste trabalho recaia sobre as mulheres *bideras* do mercado de Caracol, destacamos também aquilo que Teixeira e Baticam (2020) identificam como movimento de *fidjus di bideras*. Um fenômeno a que nos referimos anteriormente tem sido a autoidentificação de intelectuais, escritores, estudantes, artistas etc. em mostrar o orgulho de serem filhos/as de mulheres *bideras* que, assim

como as mulheres *bideras* do Mercado de Caracol, lutam dia a dia para dar condições aos seus para ascender socialmente.

Ao definirem este movimento, os autores sustentam que

Os *fidjus di bideras* se definem como um movimento intelectual e acadêmico com potencialidade transformadora, marcada por uma visão universalista que eles têm do mundo e principalmente por uma trajetória comum de vida e lutas renhidas, enquanto grupo, enquanto agentes potenciais de mudanças na Guiné-Bissau e nas diásporas guineenses; um grupo de novas possibilidades, companhias e solidariedades, de uma vida diferente daquela que teve a maioria das *bideras*, nossas mães (Texeira e Baticam, 2020, p. 101).

Face a isso, uma das obras que discutem a questão de *bideras* é o artigo de Texeira e Baticam publicado na revista “Tensões Mundiais”. Esses autores trouxeram um panorama histórico que vem desde antes e depois da colonização até os dias atuais. Sem ignorar a importância histórica de discutir a questão de *bidera*, o presente trabalho terá foco no fenômeno *bidera* da contemporaneidade, ou seja, a partir do contexto da Guiné-Bissau pós-independência até o presente.

Como apontado por Texeira e Baticam (2020, p. 99)

A situação da marginalização societal das mães *bideras*, Mãe Guiné, em nível do mercado local e nacional de comércio do qual dependem para sobreviver, gerou concomitantemente uma situação nova, marcada pela luta das *bideras* pelo acesso à educação escolar dos *fidjus di bideras*, na Guiné Bissau e em suas diferentes diásporas.

A situação socioeconômica do país desde a sua declaração unilateral de independência no início da década de setenta, nomeadamente em 24 de setembro de 1973, não tem sido das melhores, um dos principais objetivos da luta pela libertação nacional é acabar com a desigualdade social e promover uma sociedade mais justa. Contudo, após a conquista da independência, continuou havendo desigualdade social e a marginalização de certas camadas da sociedade guineenses, sobretudo as mulheres.

Como forma de sobreviver em meio à pobreza, muitas dessas mulheres se dedicam ao trabalho informal de pequenos negócios, conhecido como *bida*, e é com essa atividade que as mulheres *bideras* – mães *bideras* - conseguem alguns meios econômicos para bancar a educação de seus/suas filhos/as. Essa prática de comércio informal é de extrema importância para a vida econômica do país.

Camará (2010) aponta que a economia informal na Guiné-Bissau tem desempenhado um papel relevante nos últimos trinta anos para a coesão social no país e, até mesmo, na mitigação dos conflitos sociais que a pobreza faz emergir. O autor conclui afirmando que, desde

a liberalização da política econômica e comercial, a grande maioria da parcela das famílias guineenses começa a praticar as atividades comerciais informais (*bida*) para se autossustentar.

A economia informal tem desempenhado nas últimas três décadas um papel importante na coesão social e atenuação dos conflitos que a pobreza faz surgir. Depois da liberalização da política econômica e comercial, a maior parcela das famílias guineenses passou a praticar atividade comercial informal (CAMARA,2010, p.04)

## **2 DESAFIOS DAS MULHERES *BIDERAS* NAS SUAS JORNADAS DO DIA A DIA NO MERCADO DE CARACOL**

"Ser mulher não é fácil", como dizia a renomada escritora moçambicana Paulina Chiziane, para quem, independentemente da crença religiosa, desde o começo do mundo a mulher foi condenada a sofrer. Na mitologia Bantu, argumenta Chiziane (2013), depois da criação do homem e da mulher, não houve nenhuma maldição e nem o pecado original, contudo, por ter surgido primeiro, o homem ganhou uma posição hierarquicamente "superior", que lhe outorga o poder de governar os destinos das mulheres.

Citando a passagem bíblica do antigo testamento sobre a criação do Universo, Chiziane (2013, p. 199) escreve

Deus disse: "não é bom que o homem esteja só". Adormeceu-o, tirou uma das suas costelas e transformou-a em mulher. O homem disse: "é o osso dos meus ossos e carne da minha carne". Mas a mulher fez-se parceira da serpente. Tomou a fruta da árvore proibida, comeu-a. Sentindo-a deliciosa deu-a ao homem. Ambos abriram os olhos para o bem e para o mal. Por isso Deus amaldiçoou a mulher e disse: "multiplicarei os tormentos da tua gravidez. Serás governada pelo homem que será teu senhor".

Portanto, pode-se dizer que culturalmente e independentemente do credo, a mulher sempre é relegada ao sofrimento, pois "os problemas da mulher surgem desde o princípio da vida, de acordo com as diversas mitologias sobre a criação do mundo" (Chiziane, 2013, p. 199).

Contudo, a escritora rebate essa ideia segundo a qual as mulheres estão predestinadas ao sofrimento ao afirmar que "as diversas mitologias não são mais do que ideologias ditadas pelo poder sob a máscara da criação divina" (Chiziane, 2013, p. 199).

Falando nisso, e trazendo a dissertação de mestrado apresentada na Universidade de Lisboa, na qual a pesquisadora Mariett Faustina Ferreira Intumbo, nos presenteou com uma pesquisa feita com as mulheres de zonas rurais na Guiné-Bissau.

Apesar da intervenção de agentes externos, as comunidades tradicionais "continuam a valorizar e a orientar-se pelos pressupostos tradicionais em que o homem é protetor e responsável pela segurança do lar e a mulher a principal cuidadora dos filhos e do marido" (Intumbo, 2021, p, 39), fazendo um contraponto com o conto da escritora moçambicana Paulina Chiziane sobre a poligamia em Moçambique. Na sua obra, intitulada "Niketche uma história de poligamia" que será explorado no presente trabalho, a autora traz o sofrimento de uma mulher

– a Rami – que foi abandonada pelo seu marido, com quem se casou oficialmente, no entanto, mantém relações com outras mulheres.

As narrativas de Chiziane embora sendo do contexto moçambicano, não se distanciam muito da realidade da mulher guineense, isso porque muitas mulheres mesmo sendo casadas oficialmente, acabam sendo deixadas pelos seus maridos em detrimento de outras mulheres. Na Guiné-Bissau esse fenômeno é vulgarmente conhecido como casa 2<sup>5</sup>, onde, há semelhança da resposta do policial para Rami, - a esposa abandonada pelo marido - “Se o seu marido a deixasse, a senhora deve ser azeda, fria. Homem é homem, tem todo o direito de procurar em qualquer lugar o que em casa não há” (Chiziane, 2004, p, 52). A poligamia é uma prática que acontece nas várias sociedades africanas. Aliás, segundo Wieser (2016) *apud* Gomes (2019, p. 44), poligamia “é uma forma de organização familiar amplamente difundida no continente africano - mas não só na África - embora não seja aceito pela lei dos Estados modernamente constituídos em suas legislações e tipificações sociais por ele regulamentadas”.

Ainda sobre a questão da poligamia, Gomes (2019, p. 44), sustenta que esta prática “apresenta traços importantes da vida social em Guiné Bissau, pois há todo um contexto social, econômico e político, de modo que algumas mulheres não consideram a questão como um problema - haja vista a ressalva de que isso também depende de cada caso específico”.

No imaginário de muitas pessoas, a mulher tem de se dedicar a cuidar bem do marido, caso contrário o marido tem todo o direito de procurar a atenção que supostamente não lhe é proporcionada em casa pela sua esposa.

Respostas como essas são comuns também na conjuntura guineense, como nos é apresentado por Intumbo (2021), no seu trabalho de pesquisa de campo realizado nas zonas rurais na Guiné-Bissau.

Apesar de não constar em livros sagrados, foram algumas as vezes que, durante o trabalho no terreno, ouvi afirmações como as do *omi garandi*<sup>6</sup> muçulmano, principalmente em comunidades mandingas, sobre a ideia de que, a existência da mulher está ligada à do marido, e que a alegria e paz da mulher após a morte, depende do tratamento e dedicação que presta ao marido nesta vida (Intumbo, 2021, p, 40-41).

Esse imaginário de que a mulher existe para satisfazer a vontade do homem, caso contrário as suas vidas terrenas ou nas posteridades serão amaldiçoadas, como foram citados

---

<sup>5</sup> Casa2 é quando o marido decide arrumar uma segunda mulher construindo casa para a segunda mulher ou alugar uma moradia para ela passando a frequentar e/ou a dividir o seu tempo entre a casa da primeira mulher e da segunda. Esta é uma forma de poligamia, a outra é quando o marido decide casar mais de uma mulher, mas partilhando o mesmo lar.

<sup>6</sup> Homens mais velhos, geralmente tidos como pessoas de referência nas suas comunidades, são as pessoas mais sábias devido às suas experiências de vida.

aqui, continua a ser um dos fatores de sofrimento dessa camada social na Guiné-Bissau, e é preciso trabalho no sentido de sensibilizar tanto os homens como as mulheres que é necessário mudar essa mentalidade.

Falamos em sensibilizar as mulheres pois, embora haja organizações que lutam pela emancipação das mulheres, e que muitas delas já se conscientizaram de que as suas existências não dependem da vontade dos homens em submetê-las aos seus caprichos, ainda há muitas mulheres que tendem a cumprir à risca os ditames que as diferentes mitologias estabelecem como condições para o bem-estar das mulheres.

Entretanto, convém trazer também outra visão africana sobre a questão da poligamia, que é sobretudo uma questão familiar e, portanto, da sociedade. Para isso, a escritora nigeriana Oyèrónké Oyěwùmí é uma das estudiosas de referência para abordar essa temática. Em seu livro intitulado: “A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero” a autora traz um olhar diversificado em relação a questões de mulher, família e gênero.

Sendo assim, e em relação a casamentos poligâmicos e monogâmicos, (Oyèrónké Oyěwùmí, 2021) argumenta que ambos não são maus ou bons, visto que existem sempre bons e maus casamentos, sejam eles monogâmicos ou poligâmicos. Visto que, existem sempre bons e maus casamentos, sejam elas poligâmicos ou monogâmicos.

“A história do casamento monogâmico no Ocidente e as articulações feministas de como esta instituição tem sido opressiva para mulheres e crianças não revelam a monogamia como um sistema que inerentemente promove o interesse de uma esposa” (Oyèrónké Oyěwùmí, 2021, p. 108). Sendo crítico da visão ocidentalizada sobre os casamentos poligâmicos a autora traz as seguintes considerações,

Certamente, a poligamia e a abstinência pós-parto foram interpretadas como sinais de dominância masculina e articuladas como prejudiciais aos interesses das mulheres. A poligamia é frequentemente interpretada como um sinal de privilégio masculino e subordinação feminina. Essa abordagem, no entanto, não é apenas simplista, mas incorreta, particularmente quando a situação contemporânea é lida desde a história (Oyèrónké Oyěwùmí, 2021, p. 107).

Na visão da Oyèrónké Oyěwùmí (2021), tem-se verificado escritas que tendem a interpretar a cultura africana de forma equivocada.

“O livro de Schmidt, então, é um exemplo de uma longa tendência de interpretações ocidentais equivocadas das culturas africanas, leituras errôneas causadas pela incapacidade de compreender essas culturas como elas são, em seus próprios termos” Oyèrónké Oyěwùmí, (2021, p. 105).

Para sustentar o seu argumento de que a poligamia não pode ser considerada algo que só prejudica mulheres, a autora deu exemplo da sociedade Oyó em que esta prática é melhor apreendida “como um privilégio não atribuído, dependendo da situação e dos interesses particulares que são enfocados a qualquer momento. Consequentemente, a imposição de uma interpretação de gênero sobre ela equivale a deturpação” Oyèrónké Oyèwùmí, (2021, p. 108).

Em seu artigo, Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas Oyèrónké Oyèwùmí, (2004), destaca que numa família generificada, liderada pelo homem é constituído por dois genitores, o homem chefe é tido como ganhador do pão, e o feminino está associado ao doméstico e ao cuidado do lar.

Entretanto, para autora, este tipo de conceber a família não é universal, mas sim é uma forma euro-americana que é exportada para outras culturas, portanto, para ela, a família nuclear “continua a ser uma forma alienígena na África, apesar da sua promoção pelos Estados colonial e neocolonial, agências internacionais de (sub)desenvolvimento, organizações feministas, organizações não-governamentais (ONGs) [...] entre outros” Oyèrónké Oyèwùmí, 2004. p. 04).

Posto isso, a autora assevera que

O fato de que as categorias de gênero ocidentais são apresentadas como inerentes à natureza (dos corpos), e operam numa dualidade dicotômica, binariamente oposta entre masculino/feminino, homem/mulher, em que o macho é presumido como superior e, portanto, categoria definidora, é particularmente alienígena a muitas culturas africanas. Quando realidades africanas são interpretadas com base nessas alegações ocidentais, o que encontramos são distorções, mistificações linguísticas e muitas vezes uma total falta de compreensão, devido à incomensurabilidade das categorias e instituições sociais (Oyèrónké Oyèwùmí, 2004. P. 08).

Antes de centralizar as nossas análises sobre os desafios que as mulheres *bideras* têm enfrentado nas suas jornadas diárias no Mercado de Caracol, convém apresentar de forma breve a geolocalização deste importante local de comercialização dos produtos na capital guineense. O Mercado de Caracol fica situado no centro de Bissau, praticamente colado com Mercado de Bandim, que é o maior centro comercial de Bissau e do país. Aliás, como apontamos na introdução, foi devido à superlotação de Mercado de Bandim que originou o surgimento do Mercado de Caracol com alguns comerciantes e *bideras* sendo realocados para este lugar.

Outro aspecto importante sobre a localização do Mercado de Caracol é que esse centro comercial é de fácil acesso, com os principais meios de transporte público da capital guineense, como táxis e os chamados *toca-toca*<sup>7</sup>, que saem de diferentes bairros periféricos passando por

---

<sup>7</sup> Um dos meios de transporte público mais utilizado em Bissau, com as viaturas que tem em média capacidades de 25 a 30 passageiros.

lá, o que facilita o fluxo de pessoas que saem de outros bairros para fazerem as suas compras nesse local, e isso faz com que esse mercado seja um dos mais movimentado da capital Bissau, gerando desafios sobretudo para as mulheres *bideras* que fazem os seus negócios nesse mercado.

Outro ponto importante a destacar, antes de adentrar nos desafios que as mulheres *bideras* enfrentam no Mercado do Caracol, é o cronograma histórico econômico que a Guiné-Bissau conheceu ao longo dos tempos, depois da sua independência em 1973, as decisões econômicas que os sucessivos governos têm implementado que impactaram na vida dos seus cidadãos e em particular, na vida das mulheres *bideras*, que é o objeto da análise neste trabalho.

Importa salientar que depois da independência, o Partido Africano Para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) assumiu em 1974, a governação do país como o partido único, herdando os ativos econômicos que o regime colonial português deixou, como por exemplo, as empresas que foram estatizadas. Além disso, o Estado guineense concentrou as atividades econômicas no seu poder.

Segundo Camará (2010, p. 28)

O Estado assumiu o papel de principal actor da atividade econômica e comercial. A gestão económica no período da planificação centralizada traduziu-se na estatização excessiva dos circuitos e instrumentos comerciais, restando a maior parte da iniciativa e oportunidades do sector privado e outros sectores da actividade produtiva da economia nacional.

Esta opção do Estado guineense fracassou ao longo dos tempos, como ficou evidente com o aparecimento de crises econômicas, o que contribuiu para uma das causas da crise política que fez com que o país vivesse o seu primeiro golpe de muitos golpes de estado que a Guiné-Bissau vivenciou.

Segundo Camará (2010 p. 28), “neste período verificou-se o declínio da produção interna, acentuou-se a dependência da ajuda alimentar, incentivou-se o êxodo rural com consequências negativas para a situação da agricultura e da Balança Comercial”.

Esse fato, ao provocar o êxodo rural, pode ser reconhecido como uma das situações que fez surgir as atividades de *bida*, no período citado, pois, com tantas pessoas saindo das zonas rurais e com o governo incapaz de criar postos de trabalho muitas pessoas e, em destaque, as mulheres que são foco deste trabalho, tiveram que readaptar-se e começar a empreender com as atividades comerciais *bida*. Aliás, como argumentou Camará (2010, p. 35), “o fluxo migratório do campo para a cidade, sobretudo a partir da segunda metade dos anos 80, contribuiu para o crescimento das atividades informais nos centros das cidades”. Além disso, para (Domingues, 2000), o desemprego dos homens no sector estatal, que era o principal

empregador na Guiné-Bissau, transferiu a maioria das responsabilidades familiares para as mulheres que, ao mesmo tempo, foram sobrecarregadas com a transferência para as famílias dos encargos com os serviços sociais, que antes eram integralmente assumidos pelo Estado, nomeadamente os relativos aos cuidados de saúde e à educação.

Entretanto, outro ponto importante que vale realçar é a homogeneidade da sociedade guineense naquilo que diz respeito ao lugar das mulheres. Para entender esta situação, Joacine Katar Moreira (2017), na sua tese doutorado apresentada no Instituto Universitário de Lisboa ISCTE-UIIL, numa pesquisa denominada “A cultura de *Matchundadi* na Guiné-Bissau: Gênero, Violências e Instabilidade Política” traz ao debate a situação que a camada feminina enfrenta na sociedade guineense.

Na Guiné-Bissau as feminilidades subordinadas tendem a remeter as mulheres para o espaço privado e para a informalidade e são projetadas pelas pertenças étnicas (ex.: educação familiar; casamentos forçados; rituais de iniciação; práticas e preceitos tradicionais), pelas religiões (ex. modelos comportamentais; mutilação genital feminina), pela sociedade que divide sexualmente e demarca áreas como sendo femininas e masculinas e que garantem a secundarização das mulheres em todas as áreas (desigualdade de género; acesso à escola pobreza generalizada, etc.) (Moreira, 2017, p. 104).

Nesse sentido, a autora destaca a violência estrutural que as mulheres sofrem, afirmando que “se as instituições espelham aquilo que são os discursos hegemônicos e de exclusão pelo gênero, a luta das mulheres torna-se mais dura e mais desafiadora na esfera pública” (Moreira, 2017, p. 112). Essa afirmação da autora vem na sequência de uma entrevista que foi feita com Antonieta Rosa Gomes, uma política guineense e a primeira mulher a ser candidata nas eleições presidenciais na Guiné-Bissau, que ocorreu em 1994.

Na aludida entrevista concedida (Moreira, 2017), Rosa Gomes sustenta que, ao entrar na esfera política, a mulher guineense depara com a cultura de *matchundadi*, porque esta prática de cultura de *matchundadi* está no subconsciente das pessoas. Ela sustenta que a mulher tem os seus direitos na sociedade, e é necessário que elas ocupem os seus espaços na política, mas, ao entrar na política, a mulher guineense depara com a resistência dos homens. Por conta disso, sustenta ainda Rosa Gomes, a participação das mulheres nos órgãos de tomada de decisão não condiz com aquilo que é garantida pela lei, que é a igualdade de direitos entre homens e mulheres, mas que a mentalidade machista se contrapôs.

Na mesma entrevista, Antonieta Rosa Gomes argumenta que esta prática da cultura de *matchundadi* começa na família e transborda na sociedade,

Mesmo no que diz respeito à atribuição de tarefas dentro da família, em que os filhos são educados de forma diferente das filhas e dá-se primazia aos homens no que diz respeito a ter educação. Às meninas dizem “Está aqui deve ocupar-se dos serviços domésticos e parar de estudar, porque depois vai saber escrever e começa a escrever para o namorado”. Portanto é uma questão cultural. Começa na família e depois

transpassa para a sociedade. Aquela liderança que a própria família dá ao homem e deixa a mulher nos serviços domésticos, subalternizada nos seus direitos, submissa, depois esses valores passam para a sociedade (MOREIRA, 2017, p. 112).

O depoimento da Rosa Gomes na entrevista acima citada, em que ela evidencia a questão cultural como um dos fatores que coloca as mulheres na situação de subalternidade foi corroborado pelo diferentes documentos elaborados pelo governo guineense, como Plano Setorial de Ensino (PSE 2017-2025), que aponta os seguintes fatores que ajudam a explicar a desigualdade entre meninas e meninos no sistema educativo guineense: “gênero, meio da residência, nível de riqueza, e regiões” (Guiné-Bissau, 2017, p. 10). Em relação ao fator gênero, o mesmo documento indica que somente 75% das meninas da mesma geração conseguem acessar o primeiro ciclo do ensino básico, contra 80% dos rapazes da mesma geração. Entretanto, a diferença se acentua mais na conclusão do segundo ciclo, onde apenas 48% das meninas conseguem terminar esse ciclo, contra 72% dos rapazes. A explicação para a tamanha disparidade, segundo o documento, é que na necessidade de continuar os estudos em outra localidade, distante das famílias, estas preferem enviar os rapazes, preterindo as meninas.

Outro documento elaborado pelo governo guineense que ilustra a diferença de gênero na sociedade é o “Segundo Documento Estratégico Nacional Para a Redução da Pobreza (DENARP II)”, que aponta que as diferenças de acesso ao ensino na Guiné-Bissau são, em certa medida, devido à construção social de papel de gênero na sociedade guineense, em que as meninas são relegadas a cuidadoras de tarefas domésticas enquanto os meninos dispõem de mais tempo para estudar, e isso tem reflexos nos níveis de aproveitamento entre meninas e meninos. Nas zonas rurais, as meninas têm até duas vezes menos a probabilidade de concluir o ensino básico em relação aos rapazes, enquanto nas zonas urbanas a diferença situa-se em 1.4%.

Como pode ser constatado nos diferentes documentos que o próprio governo guineense produz para enfrentar a pobreza no país, e na entrevista que Antonieta Rosa Gomes deu para Joacine Katar Moreira evidenciam os desafios que a camada feminina guineense enfrenta que começa na família e vai até na sociedade em geral. Portanto, os desafios dessa camada na sociedade guineense são estruturais.

A seguir, trataremos dos desafios que as mulheres *bideras* enfrentam nas suas jornadas de *bida* no Mercado de Caracol, que vão desde a situação de higiene do Mercado, à cobrança a que são alvos por parte dos agentes da Câmara Municipal de Bissau e à luta para conseguir algum lucro nas atividades que lhes servem para sustentar a família em casa.

Apesar da sua importância devido ao fluxo de pessoas e ao volume de negócios que ocorre no Mercado de Caracol, o saneamento básico deste local tem sido um grande problema para clientes deste mercado, principalmente para as mulheres *bideras* que ficam mais tempo no

mercado para comercializar os seus produtos, sobretudo no período das chuvas. As mulheres têm dividido o pouco espaço que o mercado tem para que cada uma consiga colocar o seu produto à venda, outras até colocam os seus produtos no chão, devido à falta de estrutura adequada para acomodá-los. Não há banheiros suficientes para a quantidades de pessoas que frequentam o Mercado de Caracol, a Camara Municipal de Bissau tem tido dificuldade em retirar lixos que se acumulam no mercado, como mostra a reportagem da Televisão da Guiné-Bissau (TGB) do dia 23 de junho de 2020, ilustrada na imagem abaixo.

**Figura 01.** Reportagem da TGB do dia 23 de junho de 2020



**Fonte:** <https://www.facebook.com/tgbecp24/videos/355793878726175/>

A imagem acima da reportagem da TGB, mostra a luta das mulheres *bideras* no Mercado de Caracol, que precisam acordar cedo e preparar os seus produtos e arranjar um espaço para colocar coloca-los à venda. Um ponto que vale a pena ressaltar é a cobrança da taxa feita a essas mulheres pela Câmara Municipal de Bissau, pelo uso do espaço no mercado. Na imagem acima, podemos ver um agente da Câmara cobrando das mulheres *bideras* a referida taxa de ocupação. Observamos que os seus produtos (peixes) estão estendidos no chão.

A cobrança da taxa de ocupação por parte da Câmara Municipal de Bissau é diária, não importando o quanto do volume de negócios que as mulheres *bideras* conseguem realizar diariamente, o que na nossa opinião, é um grande fardo para essas mulheres *bideras* que, além de batalharem para obter algum lucro que lhes servem para o sustento da família, têm que se preocupar com o pagamento diário da taxa de ocupação. O Estado guineense através da Câmara

Municipal de Bissau, podia flexibilizar a forma de pagamento das taxas de ocupação como por exemplo, cobrando semanalmente, quinzenalmente ou até mensalmente o preço da taxa de ocupação, de acordo com valor do produto que cada mulher *bidera* vende. Assim, cada uma sabia o quanto tinha que pagar semanal, quinzenal ou mensal, o que seria um alívio para a economia dessas mulheres *bideras* potencializando mais lucros para elas. É certo que a Câmara Municipal de Bissau argumenta que o dinheiro das cobranças diárias serve para a manutenção e saneamento básico dos mercados de Bissau, mas, como se pode ver na reportagem da TGB, na figura 01, está longe de alcançar plenamente este objetivo. Além disso, o dinheiro que a Câmara Municipal de Bissau cobraria de forma semanal, quinzenal ou mensal, poderia servir para o mesmo propósito, que é a manutenção do saneamento básico dos mercados de Bissau e, no caso, do Mercado de Caracol.

A TGB fez uma reportagem no dia 01 de fevereiro de 2020, que mostra as más condições que Mercado de Caracol apresenta para os seus clientes, sobretudo para as mulheres *bideras*, que são as primeiras a chegar e as últimas a sair do mercado. Além disso, na reportagem já mencionada, as mulheres *bideras* reclamam das cobranças por parte dos agentes da Câmara Municipal de Bissau.

**Figura 02. Reportagem da TGB sobre as más condições do Mercado de Caracol.**



**Fonte:** [https://www.facebook.com/tgbecp24/videos/672850576808750/?extid=WA-UNK-UNK-UNK-AN\\_GK0T-GK1C](https://www.facebook.com/tgbecp24/videos/672850576808750/?extid=WA-UNK-UNK-UNK-AN_GK0T-GK1C)

As reclamações das mulheres *bideras* são frequentes e legítimas, uma vez que a Câmara Municipal de Bissau, como mencionamos anteriormente, argumenta que as cobranças da taxa

de ocupação têm por finalidade a melhoria de condições dos mercados de Bissau, mas reportagens como essas acima citadas nos mostram que as mulheres *bideras* continuam a pagar as taxas de ocupação sem ter as mínimas condições para assegurar a melhorias das atividades de *bida*.

### 3 PAPEL DAS MULHERES *BIDERAS* NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL NA GUINÉ-BISSAU

O processo de desenvolvimento da Guiné-Bissau como uma nação moderna tem conhecido momentos complexos decorrentes de frequentes crises políticas e sociais, como golpes de estado, guerra civil, instabilidades políticas e sociais, que têm afetado negativamente o bem-estar da vida da sua população, bem como a sua reputação internacional como país que outrora era reconhecido por sua luta exemplar, que desencadeou a sua independência, sob a liderança de Amílcar Lopes Cabral.

“As mulheres são agentes de formação da sociedade e que têm potencial para imprimir transformação e/ou conferir estabilidade” (Lundy et al, 2018, p. 39-40). Neste sentido, discutiremos aqui aquilo que tem sido o papel desta camada social guineense ao longo dos tempos.

Tratar do papel das mulheres no processo de desenvolvimento da Guiné-Bissau requer trazer um pouco a contextualização do papel historicamente desempenhado por esta camada social. Assim, mesmo correndo o risco de ser generalista trataremos um pouco do papel das mulheres no período pré-colonial, durante a luta pela independência e pós-independência.

Segundo Lundy et al, (2018, p 47), “o traçado histórico começa em 1600, logo após o tumultuoso período de contato inicial com exploradores, missionários, emissários e comerciantes europeus”. Nesse período segundo os autores, destacam-se as *Nharas*,<sup>8</sup> mulheres que atuavam como intermediárias no comércio naquela época desempenhavam papel importante.

Sobre isso, os autores apontaram que

Duas das histórias mais influentes escritas sobre a região da Guiné-Bissau até hoje referem a centralidade das mulheres na criação de redes comerciais pré-coloniais (Brooks, 2003; Havik, 2004). Essa herança é crucial para entender a evolução dos papéis das mulheres na construção da nação (Lundy, et al, 2018, p. 47).

Citando Havik (2004), Lundy et al, (2018) afirmam que as funções notáveis desempenhadas pelas *nharas* (mulheres) é a considerável margem de iniciativa que elas conquistaram como intermediárias naquele contexto das trocas afro-atlânticas na região que

---

<sup>8</sup> Derivado do português, senhora.

corresponde a atual Guiné-Bissau, fez com que as mulheres conseguissem incrementar de forma considerável a sua autonomia nos assentamentos comerciais daquela época.

Devido a esta importância alcançada por essas mulheres, segundo os autores, apesar de a “eventual ocupação colonial da Guiné Portuguesa ter expulsado as *nharas* da sua posição de influência e riqueza, em grande parte através da ideologia colonial racista e misógina e de políticas afins, a sua importância é sentida até a segunda metade do século XIX” (Lundy et al, 2018, p. 48).

Segundo ainda os autores supracitados (*apud* Havik, 2004), o impacto ao longo dos tempos de fenômeno das *nharas* se deveu ao fato de estas terem sido capazes estabelecer e com sucesso como proprietárias de terras e donas das plantações.

Nesta senda, segundo ainda Lundy et al (2018, p.48), “algo semelhante ao papel económico tradicional das *nharas* persiste por toda a Guiné-Bissau até ao presente nos sectores informais entre a comunidade de *bideras*, mulheres comerciantes”.

Entretanto, vale destacar ainda o papel desempenhado pelas mulheres durante a luta de libertação nacional contra o colonialismo português na Guiné-Bissau, aliás, Amílcar Cabral, líder do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), que desencadeou a luta contra o colonialismo português destacava o papel importante desta camada social para o objetivo da luta, que é a independência nacional.

Para compreender ainda a importância das mulheres no processo de desenvolvimento na Guiné-Bissau contemporânea, é necessário recorrer a dados estatísticos do país. Ainda não dispomos dos dados mais recentes sobre o número da população geral da Guiné-Bissau, por isso, os dados que aqui serão apresentados são do último Recenseamento Geral da População e Habitação (RGPH), realizado em 2009.

Segundo dados apresentados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), “em 2009, a população total da Guiné-Bissau é de 1.449.230 habitantes. Dos quais 51.5% são mulheres” (INE, 2023, p. 09). Embora já lá vão quase catorze anos desde o último RGPH, se considerarmos os dados apresentados pelo último censo, que indica que mulheres representam mais da metade da população guineense, é uma base para compreender a importância da camada feminina para o desenvolvimento do país.

As mulheres, como já dissemos, têm sido elementos fundamentais para o desenvolvimento da economia guineense, com as suas atividades informais diárias que são a vanguarda da economia doméstica de muitas famílias guineenses. Moreira (2017), citando Barros e Semedo (2012), afirma que são as mulheres que sustentam e geram a família e a

economia doméstica no país, e que, quando não conseguem ingressar no emprego formal, escolhem as atividades informais como forma de gerar rendimentos para o sustento familiar.

Para Gomes (2010, p. 02), “o não cumprimento das responsabilidades familiares por parte dos chefes de família<sup>9</sup> levou a que as mulheres se vissem ‘obrigadas’ a ter de recorrer a outras atividades remunerativas a fim de garantir a sobrevivência do núcleo familiar”.

Na Guiné-Bissau, o maior empregador é o aparelho estatal, um país com esta situação tende a ter o alto nível de desemprego, pois o Estado não consegue absorver toda mão de obra, o que leva muitas pessoas, sobretudo mulheres, a recorrerem às atividades informais fazendo as suas *bidas* como forma de sobreviver.

O desemprego dos homens no sector estatal, o principal empregador na Guiné-Bissau, transferiu a maioria das responsabilidades familiares para as mulheres que, simultaneamente, foram sobrecarregadas com a transferência para as famílias dos custos dos serviços sociais, antes integralmente suportados pelo Estado, nomeadamente os relativos aos cuidados de saúde e à educação. (Domingues, 2000, p. 509).

Como apontado por Sanhá (2019), não se pode falar do crescimento econômico da Guiné-Bissau sem se falar das atividades das mulheres *bideras*, muito embora as atividades informais dessas não constem na medição dos dados do Produto Interno Bruto. O que é certo é que essas atividades informais têm sido fundamentais para muitas famílias guineenses.

“A participação das mulheres na economia urbana, se é realizada informalmente, não releva necessariamente de uma prática de marginalização económica das mulheres, e os rendimentos obtidos são relevantes para os orçamentos familiares e a economia nacional” (Domingues, 2000, p, 510).

Outro ponto que importa frisar é as redes de relações sociais que as mulheres *bideras* criam para se autofinanciarem, Segundo Domingues (2000, p. 512), as redes de relações sociais, “constituem instituições no quadro das quais circulam bens e serviços. Estes espaços de sociabilidade são espaços de reciprocidade, troca, oferta e solidariedade social, fornecendo apoio monetário, social e psicológico. Na Guiné-Bissau, são amplamente conhecidas a prática de “*abota*”, uma forma de financiamento recíproco que as mulheres *bideras* adotam para dinamizar as suas atividades e obter alguma poupança. Além disso, essa prática para além de ser uma rede de solidariedade que as *bideras* constituem entre si, faz circular o dinheiro de forma rotativa entre elas.

Como funciona o *abota*? As pessoas, neste caso as mulheres *bideras* que adotam esta prática, criam um grupo em que estipulam de forma informal um valor que cada elemento deve

---

<sup>9</sup> Chefe de família a que a autora se refere é no sentido patriarcal da sociedade guineense em que o homem é tido quase sempre como chefe da família, mesmo sendo a mulher ser a provedora do núcleo familiar.

contribuir semanal, quinzenal ou mensalmente, que deve ser atribuído a um dos elementos de grupo, de forma rotativa entre todas as integrantes. Essas práticas estão proliferando um pouco por todo lado no país e, apesar de não ser exclusiva das mulheres *bideras*, é massivamente usada pelas *bideras* e dá uma dinâmica a economia do país e é uma importante forma de fazer funcionar a economia informal.

Sobre isso, Intumbo (2021, p. 61) destaca que

A criação de organizações e cooperativas de cariz mutualista e feminina onde as mulheres podem participar independentemente de serem casadas, viúvas, solteiras ou separadas é das mais comuns formas de organização por elas encontradas. [...] Uma das formas de cooperação é através das *abotas* que é uma espécie de sistema de quotas em que existe uma mulher responsável por recolher as contribuições monetárias de cada membro, em tempos estipulados pelo grupo e de forma rotativa vão dando as contribuições a cada membro, o que representa um rendimento extra para quem o recebe.

Esta prática que as mulheres adotam para criarem instituições informais de auxílio mútuo é uma estratégia de fazer circular o dinheiro na economia informal, o que contribui também para o desenvolvimento do país, uma vez que o setor informal na Guiné-Bissau é bastante importante para o crescimento da economia nacional.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo reflete sobre a situação das mulheres guineenses - e aqui, em particular, das mulheres *bideras*, objeto do nosso estudo -, que pode ser analisada sob o ponto de vista de diferentes perspectivas. Se, de um lado, pode-se considerar que as mulheres guineenses, independentemente de suas condições de solteiras ou casadas, especialmente as *bideras*, o estudo requer uma análise ponderada do ponto de vista da questão relacionada com o gênero, sob a perspectiva da visão ocidentalizada, e do ponto de vista da visão mais focada da sociedade tradicional africana.

Se por um lado, as mulheres *bideras* podem ser consideradas elementos importantes para o desenvolvimento da Guiné-Bissau como um estado moderno devido às suas atividades de *bida*, que, de certa forma, apesar de ser uma atividade informal, mas que acaba por contribuir para o desenvolvimento económico do país, haja vista que elas pagam imposto, apesar delas atuarem na informalidade, e se consideramos ainda que além disso, as mulheres *bideras* são responsáveis pela educação de seus/suas filhos/as e/ou das pessoas que delas dependem e, portanto, não são analisadas do ponto de vista da questão do gênero nomeadamente, sob o viés ocidental, no que diz respeito à organização social. E ainda se consideramos que a questão da poligamia não tão estranho à realidade africana, pelo que a condenação dessa prática pode não

ser levada em consideração, já que na sociedade africana a poligamia, em muitas circunstâncias, é algo tradicional e que as mulheres, de certa forma, contribuem para a sua prática.

Por outro lado, se levarmos em consideração a visão ocidentalizada da constituição da família, que consiste na monogamia, em que o homem é considerado chefe de família e provedor do sustento de lar, e a mulher a cuidadora do lar, essa visão tem sido alvo de críticas, sobretudo, por parte de estudiosas das questões de gênero nas sociedades africanas, como por exemplo, as escritoras (Oyèrónké Oyěwùmí 2021; Paulina Chiziane 2004), entre outras.

As mulheres guineenses, em especial as *bideras*, são elementos importantes na vida social guineenses, pelas suas lutas do dia a dia para que nada falte em casa, para dar a possibilidade de seus/suas filhos e filhas de estudarem e se formarem. Num país como a Guiné-Bissau, em que a atividade informal tem sido um instrumento de sustento de muitas famílias, as *bideras* são elementos importantes.

## REFERÊNCIAS

- CAMARÁ, Samba Tenem. Lumo. **Estatuto, funcionamento e organização dos Mercados Periódicos na Guiné-Bissau – estudo de caso no lumo de Mafanco**. 2016. 151f. (Dissertação de mestrado) Instituto Universitário de Lisboa ISCTE-UIIL, 2016.
- CHIZIANE, Paulina. **Eu, mulher... por uma nova visão do mundo**. Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, Vol. 5, n° 10, p. 199-2005. Abril de 2013.
- CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**. Companhias de Letras. São Paulo, 2004.
- DOMINGUES, Maria Manuela de Abreu Borges. **Estratégias femininas entre as bideiras de Bissau**. 2000. Tese de Doutorado. Zugl: Lissabon, Universidade Nova de Lisboa, Diss, 2000.
- GOMES, Peti Mama. **Mulheres em Associação na Guiné-Bissau: gênero e poder em Bobock e Bontche** 2019. 113f. (dissertação) Universidade Federal do Ceará e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab, 2019.
- GUINÉ-BISSAU, Instituto Nacional de Estatística. **Estatística de gênero**. Av. Amílcar Cabral, n ° 13, Caixa Postal 06 Bissau. Disponível em: <https://www.undp.org/sites/g/files/zskgke326/files/202303/ESTATI%CC%81STICA%20D%>

[20GENERO%20GUINE%CC%81%20BISSAU%202023\\_230328\\_101506.pdf](#). Acesso em 18/12/2023.

GUINÉ-BISSAU. Ministério da Economia do Plano e Integração Regional. **Segundo Documento de Estratégia Nacional de Redução da Pobreza**. Disponível em: [https://fecong.org/pdf/crianca/DENARP%20II%202011\\_2015.pdf](https://fecong.org/pdf/crianca/DENARP%20II%202011_2015.pdf). Acesso em: 07 nov. 2023.

GUINÉ-BISSAU. Ministério da Educação e Ensino Superior. **Plano Setorial de Educação 2017-2025**. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:TIx3b1cP618J:https://fecong.org/pdf/crianca/PlanoSectorialEducacao.DOC+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 07 nov. 2023.

INTUMBO, Mariett Fautina Ferreira **Monoparentalidade Feminina na Guiné-Bissau Rural**: desafios das mulheres na gestão das suas famílias. 2021. 79f. (Dissertação de mestrado) Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa ISCSP, 2021.

LUNDY, Brandon D. FERNANDES, Raul Mendes. DARKWA, Kezia. **A integridade feminina e a (re)construção de uma nação**: O caso da Guiné-Bissau. Sintidus n.1 p. 35-57, 2018.

MOREIRA, Joacine Katar. **A Cultura di Matchundadi na Guiné-Bissau**: Género, Violências e Instabilidade Política. 2017. 320f. (Tese de doutorado) Instituto Universitário de Lisboa ISCTE-UIIL, 2017.

OYEWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução Wanderson flor do nascimento. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

OYEWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero**: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, 2004, p. 1-8

Reportagem da Televisão da Guiné-Bissau – TGB disponível em:

[https://www.facebook.com/watch/?extid=WAUNKUNKUNKAN\\_GK0TGK1C&v=67285076808750](https://www.facebook.com/watch/?extid=WAUNKUNKUNKAN_GK0TGK1C&v=67285076808750). Acessado em: 07 novembro de 2023.

Reportagem da Televisão da Guiné-Bissau – TGB disponível em:

<https://www.facebook.com/watch/?v=355793878726175>. Acessado em: 07 de novembro de 2023.

Teixeira e Baticam. **Movimento social africano de Fidjus Di bideras de Guiné-Bissau em espaços universitários**. Tensões Mundiais, Fortaleza, v. 16, n. 32, p. 91-104, 2020.